

Uma defesa contra as incertezas

A inflação brasileira é um fenômeno tão complexo que já saiu da esfera puramente econômica. A *cultura inflacionária* virou tema de um livro de título expressivo — *Na corda bamba* — que reúne ensaios de antropólogos, sociólogos, psicanalistas, advogados e, naturalmente, economistas. Em doze ensaios, eles destrincham as consequências da inflação sobre a economia e as relações entre as pessoas. O destaque fica com a indexação e seus efeitos.

O antropólogo Rubem César Fernandes, da UFRJ, destaca que a inflação provoca a perda da memória dos preços. Como é impossível saber se um preço é *justo*, uma série de dúvidas atormenta do dono do botequim ao grande empresário: “Fui esperto? Fui otário? Fui rou-

bado?” Como a moeda perde rapidamente o valor, a indexação é o caminho da defesa.

O economista Ricardo Henriques concorda. Ele diz que a permanência da inflação faz com que o desequilíbrio esteja presente na cabeça de todas as pessoas e agentes econômicos. As decisões tomadas nesse ambiente de incerteza geram comportamentos defensivos. A indexação — formal (baseada na inflação calculada pelos institutos, por exemplo) ou informal (atrelada à variação de preços como do combustível) — é o principal desses comportamentos.

O cientista político Sergio Abranches lembra que a indexação generalizada reduziu consideravelmente a insegurança provocada pela inflação alta. Para ele, trata-se de um “gatilho compensatório”, na medida em que dá aos agentes econômicos a sensação de controle sobre a situação ou, pelo menos, algum horizonte de planejamento.

Ao mesmo tempo, como se estende às aplicações financeiras, viabiliza o que se convencionou chamar “ilusão monetária”.

O caso mais típico é o da caderneta de poupança: o pequeno poupador, de certa forma, teme a queda da inflação, porque acha que seu rendimento será menor. Na verdade ele será exatamente igual: juros de 0,5% ao mês. O resto é apenas reposição da inflação.

No balanço das consequências, a indexação é um fenômeno não de todo nefasto. Por um lado ela dificulta a queda da inflação. Mas por outro é em boa parte por causa dela que o Brasil não viveu um processo de hiperinflação, que não é apenas uma inflação nas alturas mas a perda total das referências de valor. Por isso, avalia o economista Luiz Roberto Cunha, da PUC do Rio, ela é ao mesmo tempo “a desgraça e a redenção da economia brasileira”.